

## UMA NOTA SOBRE MEDIR E CONTAR COM PALAVRAS EMPRESTADAS DO PORTUGUÊS NO KADIWÉU <sup>1</sup>

*Filomena Sandalo, UNICAMP & CNPq<sup>2</sup>*

### RESUMO

Kadiwéu é uma língua de classificadores numerais. Uma característica desta tipologia linguística é a de que nomes nus não são átomos e, para individualizar um nome, um classificador numeral é necessário. E, assim, numerais ocorrem obrigatoriamente com classificadores. Curiosamente, entretanto, numerais emprestados do português não contam com tal exigência. Este artigo discute a coexistência de duas gramáticas de contagem na mesma língua.

**Palavras chaves:** classificadores, numerais, contagem, medida, kadiwéu

### ABSTRACT

Kadiwéu can be typologically classified as a numeral classifier language. One characteristic of this linguistic typology is that bare nouns are not individuals and, to individualize a noun, a numeral

---

1 Este estudo foi financiado pela FAPESP, projeto 2012/17869-7. Agradeço Suzi Lima e Susan Rothstein por discussões e questões que guiaram a coleta de campo, e Andrew Nevins e Gean Damulakis, bem como dois pareceristas anônimos, que muito contribuíram para este trabalho através de sugestões e críticas. Agradeço ainda a Dimitris Micheloudakis, co-autor de outro trabalho no assunto, por discussões que nos tem levado a uma melhor compreensão sobre o sintagma nominal do kadiwéu.

2 E-mail: [fsandalo@gmail.com](mailto:fsandalo@gmail.com).

classifier is necessary. Thus, numerals co-occur necessarily with classifiers. Interestingly, however, loan numerals do not have such requirement. This article, therefore, deals with the co-existence of two different counting grammars in Kadiwéu.

**Keywords:** classifiers, numerals, counting, measurements, Kadiwéu

## Introdução

Este artigo trata da entrada de numerais e palavras de medida do português no kadiwéu e de como tais empréstimos interferem na gramática de contagem e de medida da língua. Kadiwéu é uma língua de classificadores numerais. Assim, numerais nativos ocorrem obrigatoriamente com classificadores. O artigo mostra que os empréstimos do português geram duas gramáticas em coexistência na língua kadiwéu, já que os numerais emprestados não ocorrem obrigatoriamente com classificadores.

Kadiwéu é uma língua ameaçada de extinção, da família Guaikurú, falada no sudoeste do Brasil, no estado do Mato Grosso do Sul. A língua é ameaçada porque, embora haja por volta de 1000 falantes nativos, é uma língua bastante minoritária se comparada com o português, língua também falada pela grande maioria dos Kadiwéus.

Os dados deste estudo foram coletados em trabalho de campo com base no questionário de Lima & Rothstein (2016) ou são provenientes do corpus Kadiwéu em elaboração na Universidade Estadual de Campinas (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/tbf>). Este corpus contém narrativas contadas em kadiwéu e transcritas ortograficamente. São narrativas históricas ou míticas que contam sobre coragem, lealdade, emboscadas e traições, e refletem a cultura de um povo bravo e admirável, donos de uma língua complexa e extremamente interessante. Este corpus contém as narrativas na língua kadiwéu com tradução palavra por palavra em português e inglês, e contém ainda análise sintática e morfológica da língua. As narrativas foram contadas por diferentes pessoas de diferentes idades e gêneros em diferentes épocas desde a década de noventa.<sup>3</sup>

Os numerais emprestados do português estão em uso na língua há muito tempo. O kadiwéu

---

<sup>3</sup> O corpus Kadiwéu está ainda em elaboração com verba do projeto temático FAPESP 2012/17869-7. Os dados no corpus estão na ortografia da língua. Este não é o caso dos dados usados neste artigo. Aqui, transcrevo os dados em transcrição fonêmica segundo o IPA, exceto para as africadas pós-alveolares, que transcrevo como c e j para a surda e sonora respectivamente.

tem contato com espanhol desde o século XI e com português desde o século XVIII (Métraux 1945). As palavras do português emprestadas há tempos diferem dos empréstimos recentes no fato de que as primeiras são adaptadas fonologicamente ao kadiwéu, como é o caso dos numerais do português. Atualmente os kadiwéu são totalmente bilíngues e não é frequente a adaptação fonológica nas palavras do português que entram neste momento na língua. O sistema de numeração, parcialmente em kadiwéu e parcialmente com numerais do português adaptados, é ensinado na escola. Portanto, não há evidência para acreditar que um sistema irá desaparecer.

Em 2, apresento evidência para a classificação de kadiwéu como uma língua de classificadores numerais; em 3, apresento a gramática de contagem e de medida do kadiwéu; e em 4 discuto como o kadiwéu foi modificado pelos empréstimos criando a coexistência de duas tipologias gramaticais na mesma língua.

## 1. O kadiwéu a e tipologia de nomes

A língua kadiwéu ficou conhecida como uma língua da tipologia polissintética (Sandalo 1997), pois é uma língua de grande complexidade morfológica e que conta com incorporação gramatical (cf. Baker 1995). Mas este não é o único modo de classificar línguas tipologicamente. Outro modo de separar tipologias trata de como nomes são gramaticalizados na língua (cf. Chierchia 1998). Algumas línguas, como o chinês, requerem que todo nome seja acompanhado por uma palavra que é rotulada de classificador numeral para que sejam entendidos como átomos, já que, nestas línguas, os nomes nus podem ser entendidos como plurais (Chierchia 1998).

Sandalo & Michelioudakis (2016) mostram que nomes nus no kadiwéu não são necessariamente entendidos como singulares e que a língua conta com classificadores para individualizar os nomes, como no chinês. Isso é, para estes autores, kadiwéu é, como o chinês, da tipologia de línguas de classificadores numerais. O exemplo em (1) atesta que nomes não são necessariamente singulares nesta língua:

(1) João y-a:                                      apolikaGanaGa.

João            3ERG-vender    cavalo

‘João vende cavalo (um ou mais)’



(4)	* João y-a:	ta:le	apolikaGanaGa-di
	João 3ERG-comprar	2	cavalo-pl

‘João compra dois cavalos

Aikenvald (2000) classifica as línguas Guaikurú como línguas de classificadores dêiticos, embora não discuta qual seria a função de tais classificadores ao serem comparados com classificadores numerais. Sandalo & Michelioudakis mostram que a função de um classificador numeral e um classificador do kadiwéu é a mesma, como discutido acima: individualizar um nome. Mas, de fato, os classificadores numerais do kadiwéu carregam informação dêitica como observado por Aikenvald. Abaixo listo os classificadores do kadiwéu. Note que o classificador empregado em (2) é *-jo*, e isso significa que o cavalo do exemplo em (2) é percebido como se afastando do falante. Na forma plural, a forma mais usada é *-n:i*, pois é usada em situações em que as unidades ocorrem em mais de uma situação dêitica, sendo, portanto, um classificador *default*.

(3) Os classificadores do Kadiwéu:

-d:a ‘verticalmente estendido’,

-n:i ‘não estendido’,

-n:a ‘vindo em direção ao falante’,

-d:i ‘horizontalmente estendido’,

-jo ‘indo para longe do falante’,

-ka ‘fora da visão’

Os numerais tradicionais do kadiwéu, isto é, de origem Guaikurú, são aqueles de 1 a 3 e seus derivados apenas (veja Griffiths 1975 para uma descrição dos numerais em kadiwéu). A língua emprestou numerais do português para preencher as lacunas dos numerais não

existentes ao compararmos kadiwéu com o português. E isso tem um impacto em sua gramática. Uma diferença entre os numerais nativos e os emprestados é que os classificadores não são jamais incorporados aos numerais emprestados do português, ao contrário do que acontece com os numerais nativos. Neste caso, os classificadores aparecem como palavras independentes e são opcionais em leituras de contagem, como será discutido na próxima seção:

(4) João y-a: (i-d:i-wa) goatolo apolikaGanaGa-di

João 3ERG-comprar quatro masc-CL-pl 4 cavalo-pl

‘João compra dois cavalos

Neste exemplo, o numeral *quatro* é emprestado do português e adaptado à fonologia da língua. Assim, a língua não conta com a líquida /r/, mas com /l/. Além disso, a sílaba é estritamente CV e uma vogal assimilada à vogal do núcleo, [o], é inserida para separar o encontro consonantal do português. Finalmente, kadiwéu não admite consoantes surdas em início de palavra lexical. Assim, *quatro* se transforma em *goatolo*, um numeral emprestado do português.

Alguém poderia argumentar que é a natureza fonológica da palavra emprestada que impediria a ocorrência de um classificador na morfologia de numerais emprestados. Mas este não parece ser o caso, pois, como vimos acima, os numerais emprestados são adaptados à fonologia da língua e, além disso, kadiwéu permite morfologia nativa em empréstimos (e.g. *ji-ni-baila-Ga* ‘nós bailamos’ com a palavra do português *baila* como raiz).

Abaixo apresento um exemplo do sistema de numeração do kadiwéu atualmente. O classificador usado pode mudar, bem como o gênero. Listamos aqui os numerais com o classificador *ni-* e na forma masculina. Note que nem mesmo em isolamento um numeral nativo pode ocorrer sem o classificador. E, como mencionado acima, este não é o caso de numerais emprestados, pois eles nunca ocorrem com classificadores incorporados.

1 - on-i-n:i-tekibeke

1-masc-CL-separadamente

‘um’

2 - i-n:i-wa-ta:le

masc-CL-pl-2

‘dois’

3 - i-n:i-wa-tadiGini

masc-CL-pl-3

‘três’

4 - goatolo

‘quatro’

A perda do classificador na morfologia do numeral tem um impacto na gramática de contagem e medida do kadiwéu. Sobre este aspecto trataremos na próxima seção.

## 2. Contando e medindo no kadiwéu

Se falamos em português informal uma sentença como *tem dois sacos de laranja em cima da mesa*, podemos nos referir (i) às laranjas dispostas na mesa, que poderiam caber em dois sacos, ou (ii) de dois sacos cheios de laranjas que estão em cima da mesa. Ou ainda, *tem dois litros de leite na mesa*, pode referir-se ao fato de ter (i) duas garrafas de leite em cima da mesa ou (ii) de dois litros de leite colocados dentro de uma tigela que está em cima da mesa, por exemplo. No primeiro caso, trata-se de uma leitura de contagem, pois as unidades são visíveis e segmentáveis. E, no segundo, de uma leitura de medida. Dentro da unidade de medida, saco ou litro, por exemplo, as unidades podem deixar de serem visíveis.

A ambiguidade apresentada acima é comum em língua como o português ou o inglês (cf. Rothstein 2011). Este não é o caso do kadiwéu com números nativos. A partir de desenhos representando situações de medida vs. contagem (Figuras 1 e 2), elicitiei, com base no questionário de Lima & Rothstein (2016), dados sobre contar e de medir do kadiwéu com numerais nativos e emprestados (cf. Sandalo & Michelioudakis 2016 e Sandalo 2017). Foram consultados dois falantes nativos do kadiwéu em lugares e dias distintos sem que um soubesse da resposta do outro. Ambos eram falantes masculinos entre 40 e 50 anos de idade.

Podemos observar que dois CLs aparecem no sintagma nominal quando há leitura de medida com numerais nativos. Assim, em (5), há um CL iniciando o sintagma nominal e outro incorporado ao numeral: [id:iwa [[itowata:le [waka loti:di]]]]. O primeiro atomiza a frase [itowata:le waka loti:di] ‘dois leites de vaca’ servindo como uma unidade de medida. E o outro atomiza [waka loti:di] ‘leite de vaca’, já que se trata de uma língua de classificador numeral. Kadiwéu não conta com adposições, a expressão de posse é marcada pelo genitivo (POSS) no núcleo no sintagma nominal. É ainda importante observar que a forma *itowata:le* contém o classificador *d:i-* que sofreu ensurdecimento consonantal e assimilação vocálica com a semivogal /w/. O processo morfofonológico de desvozeamento de oclusivas em contiguidade com morfemas de pluralidade é produtivo em kadiwéu (ver Sandalo 1997 e Nevins e Sandalo 2011).

**Figura 1**



(5) i-d:i-wa          i-to-wa-ta:le          waka 1-otidi  
 masc-CL-pl    masc-CL-pl-2          vaca 3POSS-leite

Note que a informação dêitica do classificador informa o tipo de unidade de medida, neste caso, um recipiente horizontalmente estendido é a informação carregada pelo primeiro classificar, *d:i-*. Este é, portanto, o modo como a tigela da Figura 1 foi percebida. Portanto, literalmente, a sentença traz o significado de um recipiente (horizontalmente estendido) contendo duas unidades de leite de vaca.

Se o classificador que introduz o sintagma nominal é retirado, deixando apenas aquele incorporado ao numeral, a interpretação será de contagem (i.e. duas unidades de leite, como duas tigelas de leite, por exemplo).

Um outro exemplo de contagem pode ser visto na sentença que segue a Figura 2. No caso de contagem, apenas um CL ocorre atomizando o núcleo, que em (6) é *ninyoGodi* ‘água’.

**Figura 2**



(6) j-inoyaGadi    i-ni-wa-ta:le    diba-tiogi    Go-baGadi    ninyoGodi  
 1ERG-quebrar    masc-CL-pl-2    dedo-APLL    1plPOSS-mão    água

‘Eu quebrei sete (unidades) de águas’

No exemplo (6) aparece o número sete, um número derivado e tradicional do kadiwéu.

Literalmente significa *dois dedos para nossa mão*. O kadiwéu não conta com adposições, como já mencionado, noções expressas por preposições em línguas como o português são expressas através de aplicativos (APLL) ou marcas de caso em posse, como é comum em línguas polissintéticas. Neste caso, como em qualquer número nativo, um CL aparece incorporado ao numeral.

Em suma, não há ambiguidade entre contar e medir em kadiwéu de numerais nativos. O quadro 1 sumariza as duas gramáticas. No quadro 1, (\*... ) significa a impossibilidade de ocorrência e \*(...) significa a impossibilidade de não-ocorrência.

	Contando	Medindo
Numerais nativos	(*CL) *(CL)-Numeral NP	*(CL) *(CL)-Numeral NP

**Quadro 1: contar e medir em kadiwéu de numerais nativos**

Na seção que segue trataremos de numerais emprestados em contagem e medida.

### 3. Contagem e medida com palavras emprestadas do português

Kadiwéu, como vimos acima, separa entre contar e medir claramente. A gramática de medida conta com dois CLs: [CL[CL-NUM NP]]. Enquanto a de contagem conta com apenas um CL: [CL-NUM NP]

O numeral emprestado não conta com um classificador incorporado a ele, como vimos em (4). E isso tem implicações para a gramática de contar e medir. O kadiwéu contado com numerais emprestados do português tem um funcionamento distinto: o classificador não é incorporado ao numeral e, além disso, é opcional, com nomes massivos e não-massivos:

(7) j-inoyaGadi (nGidiwa) goatolo ninyoGodi

1ERG-quebrar masc-CL-pl 4 água

‘Eu quebrei quatro (unidades de) água’

(8) jinoyaGadi (nGidiwa) goatolo nidiqonaGaditedi

1ERG-quebrar masc-CL-pl 4 lápis-pl

‘Eu quebrei quatro lápis

No caso de nomes massivos, uma unidade de medida do português pode aparecer, embora também opcional:

(9) j-opotidige (i-d:i-wa) goatolo (kilo) libole

1ERG-precisar masc-CL-pl 4 quilo 3POSS-carne

‘Eu preciso de 4 (unidades) (quilos) de carne’.

Assim, em caso de contagem, passamos, com numerais emprestados, a ter uma gramática em que nomes e numerais coocorrem sem restrição. Nesta situação, o kadiwéu deixa de ser uma língua de classificadores numerais, pois a presença do classificador com numerais deixa de ser obrigatória, e mesmo com nomes massivos não há a obrigatoriedade de palavras de medida ou classificadores. Cinque (2016) observa que em uma língua como o inglês, que não é uma língua de classificadores numerais, palavras de medida ocorrem sempre com nomes não-massivos acompanhados de numerais (e.g. *two bottles of water*; \**two waters*). Mas o kadiwéu passa de uma língua em que todo nome precisa de classificador, para atomização, para uma língua em que numerais podem ocorrer livremente com todos os tipos de nomes.

Cabe aqui enfatizar que kadiwéu não tem palavras nativas de medida para além dos classificadores. Mas a língua adotou palavras de medida do português, como mencionamos acima. E cabe salientar que elas podem ocorrer com numerais emprestados ou nativos atualmente. Segue um exemplo com um numeral nativos e um nome massivo. Abaixo o classificador é obrigatório e incorporado ao numeral, como vimos anteriormente, pois o numeral é nativo. A palavra de medida emprestada é ainda opcional.

(10) j-opotidige i-n:i-wa-ta:diGini (kilo) libole

1ERG-precisar masc-CL-pl-3 quilo 3POSS-carne

‘Eu preciso de 3 unidades (quilos) de carne’

Passemos agora a observar o impacto na gramática de medida do kadiwéu com numerais emprestados.

No caso de medir, o classificador que inicia o sintagma nominal volta a ser obrigatório (11), recriando o contraste entre contar e medir. Sem o classificador, a leitura é de quatro recipientes de leite ou quatro poças de leite.

(11) i-d:i-wa            goatolo    waka lotidi

masc-CL-pl    4            vaca 3POSS-leite

‘Um recipiente com quatro unidades de leite de vaca’

Unidades de medidas em português podem ser usadas também neste caso, mas novamente opcionalmente. Em (12) a palavra garrafa é usada e adaptada à fonologia do kadiwéu, assim, /l/ substitui /r/ e /p/ substitui /f/.

(12) i-d:i-wa            goatolo    (galapa) waka lotidi            (katinedi    naGaGaxi)

DEM-masc-CL-pl    4            garrafa vaca 3POSS-leite CL-APLL    tigela

‘Tem quatro garrafas de leite (dentro da tigela)’

Em (12), ainda, o sintagma *dentro da tigela* foi acrescentado pelo falante indígena consultor para clarificação de que se trata de medida. O nome *naGaGaxi* ‘tigela’ também necessitou de individualização, e, portanto, ocorre o classificador *ka-*. Já que um classificador pode aparecer opcionalmente com contagem, pode haver ambiguidade, e o sintagma *dentro da tigela* foi acrescentado para ênfase na medida, uma vez que a situação elicitada foi de medida.

Ainda, para salientar, a diferença entre contar e medir em kadiwéu com números emprestados é apenas o fato de um classificador ser obrigatório com leituras de medida. Mas se depararmos no corpus Kadiwéu com uma sentença como *id:iwa goatolo waka loti:di* sem um contexto claro, há ambiguidade entre contar e medir, pois não saberemos se o classificador é ou não obrigatório na sentença. Deste modo, cria-se no caso de números emprestados uma ambiguidade não presente no kadiwéu de numerais tradicionais, mas presente em línguas como o português como já mencionado.

Abaixo apresento esquematicamente as gramáticas de numerais nativos e de numerais emprestados em kadiwéu para uma maior sistematização. O quadro 2 sumariza o kadiwéu de numerais nativos e emprestados. No quadro 2, como no quadro 1, (\*...) significa a impossibilidade de ocorrência e \*(...) significa a impossibilidade de não-ocorrência. E (...) significa opcionalidade.

O quadro 2 mostra que em kadiwéu de contagem com numerais nativos, apenas um classificador ocorre obrigatoriamente. O classificador incorporado ao numeral não pode ser omitido e nem mesmo um classificador extra pode ser acrescentado. Com numerais emprestados ocorre opcionalmente um classificador não incorporado ao numeral emprestado em contagem, criando a possibilidade de coocorrência de classificadores e numerais.

O quadro 2 mostra ainda que no kadiwéu de medida, com numerais nativos, há dois classificadores obrigatoriamente: um que ocorre como palavra independente e outro incorporado ao numeral. Com numerais emprestados, ocorre apenas um classificador que é obrigatório e não incorporado ao numeral.

	Contando	Medindo
Numerais nativos	(*CL) *(CL)-Numeral NP	*(CL) *(CL)-Numeral NP
Numerais emprestados	(CL) Numeral NP	*(CL) Numeral NP

**Quadro 2: Gramáticas de contagem e medida do kadiwéu nativo e emprestado**

Finalmente, ainda sumarizando, kadiwéu não tem palavras de medida. Esta função é realizada por classificadores como vimos. Mas palavras de medida foram emprestadas do português e podem ocorrer em contagem com nomes massivos e com todo tipo de nomes em leituras de medida para maior clarificação/ênfase. Mas tais palavras são sempre opcionais.

#### 4. Implicações para a teoria linguística

Este trabalho tentou mostrar que Kadiwéu é uma língua de classificadores numerais que é afetada pela introdução de numerais do português. Os nomes em kadiwéu, emprestados ou não, sempre necessitam de classificadores para atomização, e numerais sempre coocorrem com classificadores. No entanto, numerais emprestados não contam com a obrigatoriedade de coocorrência com classificadores. Este fato cria a possibilidade na língua de ocorrência de nomes e numerais sem qualquer restrição.

É possível, assim, pensar que a possibilidade de existência de numerais sem classificadores traz a questão de gramáticas/tipologias em competição no sentido de Kroch (1994): uma língua de classificadores em competição com uma língua de outra tipologia coexistindo em uma mesma língua dado o contato.

Os fatos do kadiwéu, além disso, trazem uma contribuição para o entendimento de línguas de classificadores numerais. De acordo com Chierchia (1998), todos os nomes de línguas de classificadores numerais seriam massivos. Há, entretanto, evidência para acreditar que kadiwéu faça distinção entre nomes massivos e não-massivos: embora qualquer nome possa ser pluralizado em kadiwéu (cf. Sandalo & Michelioudakis 2016), nomes massivos não aparecem frequentemente pluralizados, como pode ser observado nas sentenças (6-7) acima, por exemplo. A proposta de Chierchia nem mesmo prevê a possibilidade de pluralização em línguas de classificadores numerais, já que todos os nomes seriam massivos e não pluralizáveis. Portanto, os fatos do kadiwéu não sustentam a proposta de Chierchia.

Krifka (1995), por outro lado, argumenta que é a natureza do numeral que é responsável pela coocorrência de numerais e classificadores em certas línguas, e não a natureza dos nomes. Para Krifka, em línguas de classificadores numerais, os numerais não contam com uma função de medida embutida, como os numerais das línguas europeias. Abaixo apresento a visão de Krifka formalmente, usando, para exemplificação, o numeral dois em português e em kadiwéu:

##### (13) Numerais para Krifka (1995)

###### a. Numerais que não coocorrem com classificadores

$$[[\text{dois}]] = \lambda P : \text{ATOMICO}(P). \{x : *P(x) \ \& \ \mu_{\#(x)} = 2\}$$

**b. Numerais que coocorrem com classificadores**

$$[[\text{ta:le}]] = \lambda m \lambda P : \text{ATOMICO}(P). \{x : *P(x) \ \& \ m(x) = 2\}$$

**c. Classificador Numeral/função medida**

$$\mu_{\#}$$

Os dados do kadiwéu dão suporte para esta visão, já que os numerais emprestados não necessitam da presença do classificador. Os nomes que ocorrem com numerais nativos ou emprestados em kadiwéu são os mesmos; de fato, o que muda é o numeral apenas, trazendo, portanto, evidência empírica para Krifka.

Assim, nesta visão, ao empregarem um numeral do português que já conta com a função de medida, um classificador deixa de ocorrer em contagem, sendo apenas necessário em leituras de medida.

E o padrão observado em kadiwéu não é exclusivo desta língua. Bale & Coon (2014) observam exatamente o mesmo padrão em Chol, uma língua Maya. Esta língua conta com numerais tradicionais Maya e emprestados do espanhol. Os numerais nativos ocorrem com classificadores incorporados na morfologia do numeral como no kadiwéu, e os emprestados não. Uma situação, portanto, idêntica ao kadiwéu:

**(14) Chol (Bale & Coon 2014)**

**a.** ux-p'ej tyumuty

3-CL      ovo

‘ 3      ovos’

b. *nuebe tyumuty*

9 ovo

‘9 ovos’

Em suma, línguas como Chol e Kadiwéu trazem evidência empírica para Krifka (1995) e para um melhor entendimento de numerais e de línguas de classificadores numerais. Nesta perspectiva, é a natureza sintático-semântica do numeral que é responsável pela ocorrência ou não de um classificador numeral.

## REFERÊNCIAS:

Aikhenvald, A. (2000). *Classifiers*. Oxford: Oxford University Press.

Baker, Mark. (1995). *The Polysynthesis Parameter*. Oxford: Oxford University Press.

Bale, Alan & Coon, Jessica. (2014). Classifiers are for numerals, not for nouns: consequences for the mass-count distinction. *Linguistic Inquiry* 45. 4: 707-719.

Chierchia, G. (1998). ‘Plurality of mass nouns and the notion of “semantic parameter”’. In ‘Events and Grammar’, 53–103. Springer Netherlands.

Cinque, G. (2006). ‘Are all languages ‘Numeral Classifier Languages?’ *Rivista di Grammatica Generativa* 31: 119–122.

Griffiths, Glyn. (1975). Numerals and Demonstratives in Kadiwéu. *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 1: 61-77.

Krifka, Manfred. 1995. Common nouns: A contrastive analysis of English and Chinese. In

The generic book, ed. G. N. Carlson and F. J. Pelletier, 398–411. Chicago: Chicago University

Press.

Kroch, Anthony (1994). Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. (Ed.). Proceedings of the 30th annual meeting of the Chicago Linguistics Society, v. 2, p. 180-201.

Lima, S. & Rothstein, S. (2016). 'The count/mass distinction questionnaire'. University of Toronto & Bar-Ilan University, Ms. Métraux, Alfred. (1945). Etnografia del Chaco. Washington: Smithsonian Institution.

Nevins, Andrew & Sandalo, Filomena. (2011). Markedness & morphotactics in Kadiwéu [+participant] agreement. Morphology 21: 351-378. DOI 10.1007/s11525-010-9165-2

Rothstein, S. (2011). 'Counting, measuring, and the semantics of classifiers'. The Baltic International Journal of Cognition, Logic, and Communication 6: 1–42.

Sandalo, Filomena . (1997). A Grammar of Kadiwéu. MIT Occasional Papers in Linguistics 11.

Sandalo, Filomena. (2017). Measuring and Counting in Kadiwéu. UNICAMP ms. Sandalo, Filomena & Michelioudakis, Dimitris. (2016). Classifiers and Plurality: evidence from a deictic classifier language. The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication. Volume 11: Number: Cognitive, Semantic and Crosslinguistic Approaches pages 1-40 DOI: <https://doi.org/10.4148/1944-3676.1112>